



MILITIA SANCTÆ MARIÆ
- Cavaleiros de Nossa Senhora -



**CÍRCULO INTERNACIONAL
SHAHBAZ BAHTTI**

Nigéria| Do martírio de um catequista ao massacre de uma família inteira - a violência que continua a ser propositadamente ignorada



Imagem: O pastor Ezekiel Dachomo, o segundo da direita para a esquerda, observa os corpos de nove membros de sua família extensa, mortos em um ataque noturno, em 12 de julho em Kum perto de Jos (fonte: Truth Nigeria)

Enquanto a atenção do mundo permanece concentrada no futebol, noutras guerras e crises internacionais, a Nigéria continua a ser palco de uma violência persistente que, ano após ano, ceifa milhares de vidas e destrói comunidades inteiras. No norte e no chamado *Cinturão Médio* do país, aldeias são atacadas durante a noite, famílias são dizimadas, sacerdotes e pastores vivem sob ameaça constante e inúmeros cristãos — juntamente com outros civis inocentes — continuam a pagar um preço elevadíssimo pela insegurança e pela impunidade.

Nas últimas semanas, duas notícias ilustram de forma particularmente dolorosa esta realidade. A primeira relata a morte de Victor Paul, catequista católico da Arquidiocese

de Kaduna, sequestrado em Fevereiro e falecido após meses de tortura, fome e doença em cativeiro. A segunda dá conta do massacre de nove familiares do pastor Ezekiel Dachomo, entre os quais um bebé de apenas dois meses de idade, num ataque deliberado ocorrido no estado de Plateau.

São histórias distintas, mas unidas por um mesmo denominador comum: a banalização da violência, a vulnerabilidade das comunidades locais e o preocupante silêncio que continua a envolver grande parte destes acontecimentos.

:: O martírio silencioso de Victor Paul ::

Na madrugada de 9 de Fevereiro de 2026, homens armados atacaram as comunidades de Kutaho e Kugir, no distrito de Kagarko, estado de Kaduna. Cerca de trinta pessoas foram sequestradas, entre elas Victor Paul, catequista católico recentemente colocado ao serviço da comunidade, a sua esposa — grávida — e um dos seus filhos.

Ao longo dos meses seguintes, vários reféns foram sendo libertados. No Domingo de Páscoa recuperaram a liberdade onze mulheres e crianças, incluindo a esposa de Victor Paul. Dias mais tarde foram libertados outros homens e, no final de Junho, regressaram os últimos sobreviventes.

Victor Paul, porém, nunca voltou.

Segundo o comunicado oficial da Arquidiocese de Kaduna, o catequista morreu em cativeiro na sequência de tortura prolongada, doenças que nunca receberam tratamento e inanição provocada pela privação de alimentos. Outros cinco sequestrados perderam igualmente a vida, alguns deles assassinados pelos próprios raptos.

A morte deste catequista representa muito mais do que uma estatística. Era um leigo que tinha respondido ao chamamento da Igreja para servir uma comunidade particularmente vulnerável. Exercia um ministério discreto, longe dos holofotes, dedicando-se à evangelização, à catequese e ao acompanhamento espiritual das famílias. O seu testemunho terminou de forma cruel, tornando-se mais um entre os muitos cristãos que, na Nigéria, continuam a pagar com a própria vida a fidelidade à sua missão.

Perante este desfecho, a Arquidiocese renovou o apelo às autoridades federais e estaduais para reforçarem a segurança das populações e travarem a espiral de violência que continua a devastar numerosas comunidades rurais.



:: Uma família exterminada em Plateau ::

Poucos dias depois, outro episódio profundamente chocante abalou a Nigéria.

Na noite de 11 para 12 de Julho, homens armados invadiram uma habitação na aldeia de Kum, no estado de Plateau. Segundo o testemunho dos sobreviventes, os atacantes procuravam o "pai" da família, referência que apontava para o pastor Ezekiel Dachomo, conhecido líder cristão da região e voz activa na denúncia da violência que afecta o Cinturão Médio.

Ao não encontrarem quem procuravam, descarregaram a violência sobre os familiares presentes.

Foram mortos nove membros da mesma família: um filho, a sua esposa, um bebé de apenas dois meses e seis crianças, entre outras vítimas. Um dos sobreviventes relatou que conseguiu escapar pela janela com uma filha pequena enquanto ouvia sucessivas rajadas de arma automática dirigidas aos restantes membros da família. Quando regressou, encontrou a casa transformada num cenário de morte.

No funeral colectivo, profundamente emocionado, o pastor Dachomo recordou que aquela era a terra onde crescera e afirmou que os autores do ataque conheciam perfeitamente a ligação que mantinha com aquela família. Dias depois, perante novos alertas de possíveis ataques, recusou abandonar a região, declarando:

«Não posso fugir e deixar o meu povo quando sei que eles foram mortos por minha causa.»

Independentemente da investigação criminal em curso e da identificação definitiva dos responsáveis, este ataque evidencia a extrema vulnerabilidade em que vivem numerosas comunidades do estado de Plateau, onde a violência se tem repetido com uma frequência alarmante.

:: Uma violência que não pode ser analisada de forma simplista ::

Os acontecimentos de Kaduna e Plateau não constituem episódios isolados.

A Nigéria enfrenta uma realidade extremamente complexa, onde convergem terrorismo jihadista, grupos criminosos especializados em sequestros, conflitos relacionados com a posse da terra, tensões étnicas e religiosas, bem como uma resposta frequentemente insuficiente por parte das autoridades.

Em diversas regiões do norte e do Cinturão Médio, comunidades inteiras vivem sob permanente ameaça. Aldeias são abandonadas, campos agrícolas deixam de ser cultivados, escolas encerram e milhares de famílias passam a sobreviver em campos de deslocados internos.



Neste contexto, líderes religiosos — sacerdotes, catequistas, pastores e outros responsáveis comunitários — tornam-se frequentemente alvos preferenciais, não apenas pelo papel espiritual que desempenham, mas também porque representam um ponto de referência para populações profundamente fragilizadas.

É igualmente importante recordar que esta violência atinge pessoas de diferentes comunidades religiosas. Contudo, inúmeras organizações internacionais e entidades eclesiais continuam a alertar para a particular vulnerabilidade de muitas comunidades cristãs em várias regiões da Nigéria, onde os ataques assumem um carácter repetitivo e devastador.

:: O Silêncio do Mundo ::

Apesar da dimensão humana desta tragédia, poucas destas notícias ultrapassam as fronteiras africanas.

Enquanto outros conflitos ocupam legitimamente o espaço mediático internacional, milhares de vítimas nigerianas permanecem praticamente desconhecidas da opinião pública. Muitos dos seus nomes desaparecem ao fim de poucos dias, sem investigação aprofundada, sem acompanhamento continuado e, frequentemente, sem qualquer pressão internacional significativa.

Victor Paul dificilmente será recordado fora da sua comunidade.

As nove vítimas da aldeia de Kum poderão transformar-se apenas em mais um número nas estatísticas da violência.

Mas cada uma destas pessoas tinha um nome, uma família, uma história e uma dignidade que não pode ser reduzida a uma simples nota de rodapé.

O silêncio também pode tornar-se uma forma de injustiça.

A missão dos cristãos não consiste em alimentar discursos de ódio nem em instrumentalizar o sofrimento. Consiste, antes de mais, em dar rosto às vítimas, defender a dignidade da pessoa humana, exigir justiça e rezar por aqueles que sofrem.

A memória de Victor Paul, da família do pastor Ezekiel Dachomo e de tantas outras vítimas da violência na Nigéria interpela a consciência de todos. Não basta lamentar estas tragédias quando chegam às notícias. É necessário recusarmo-nos a aceitar que se tornem acontecimentos banais.

Porque quando um catequista morre lentamente após meses de tortura, quando um bebé de dois meses é assassinado dentro da sua própria casa ou quando comunidades inteiras vivem décadas sob o medo constante, o problema deixa de ser apenas da Nigéria.



Passa a ser um desafio à consciência do mundo inteiro.

Que o testemunho destes irmãos na fé não seja esquecido e que a sua memória desperte em todos nós uma renovada responsabilidade pela defesa da liberdade religiosa, da justiça e da paz.

Bruno Fernando de C. Guedes

Presidente do Círculo Internacional Shahbaz Bahtti

